



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação**

**LEITURA E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO: FORMAÇÕES DE SENTIDO DE LEITORES RURAIS EM INTERAÇÃO COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UM JORNAL SOBRE O CAMPO**

***READING AND APPROPRIATION OF INFORMATION: MEANING FORMATIONS OF RURAL READERS IN INTERACTION WITH THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF A NEWSPAPER ABOUT THE COUNTRYSIDE***

**Ismael Lopes Mendonça** – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
**Ligia Maria Moreira Dumont** – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Derivado de uma pesquisa de tese, o artigo objetiva analisar as apreensões leitoras de um grupo de sujeitos rurais situados em Independência, Ceará, e em municípios vizinhos, com uma amostra de cadernos especiais produzidos pelo jornal cearense O Povo sobre a região semiárida desse Estado. Reflete como as apreensões aconteceram atravessadas por ordenações sociais, destacando as intervenções e as negociações de sentido mobilizadas pelos sujeitos. Da mesma forma, considera as subjetividades leitoras que, ancoradas em experiências pessoais, comuns no meio investigado, participaram das formações de sentido em questão, gerando leituras improváveis ou não autorizadas no âmbito das ordenações do contexto e perante as prescrições simbólicas e informacionais do jornal que, por via dos cadernos, tencionava constituir vínculos sociais, mediando discussões sobre a realidade sertaneja. Considera finalmente que as apreensões leitoras dos sujeitos rurais, em suas múltiplas ancoragens acionadas, são exemplares do fenômeno de apropriação da informação entendido como gesto de intervenção e de negociação significativa dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Informação e materialidade; leitura e apropriação; Teoria das Representações Sociais.

**Abstract:** Derived from thesis research, the article aims to analyze the reading apprehensions of a group of rural subjects located in Independência, Ceará, and neighboring municipalities, with a sample of special notebooks produced by the Ceará newspaper O Povo about the semiarid region of that State. It reflects how the apprehensions occurred crossed by social relations, highlighting the interventions and negotiations of meaning mobilized by the subjects. In the same way, it considers the readers' subjectivities that, anchored in personal experiences, common in the investigated environment, participated in the formations of meaning in question, generating improbable or unauthorized readings within the scope of the orders of the context and in the face of the symbolic and informational prescriptions of the newspaper which, through its notebooks, intended to establish social links, mediating discussions about the country reality. Finally, it considers that the reading apprehensions of

rural subjects, in their multiple activated anchors, are examples of the phenomenon of appropriation of information understood as a gesture of intervention and significant negotiation of the subjects.

**Keywords:** Information and materiality; reading and appropriation; Theory of Social Representations.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo compõe o conjunto de trabalhos derivados de uma pesquisa de tese que problematizou as relações de poder vinculadas às representações sociais mobilizadas pelo jornal fortalezense *O Povo ao informar*, de maneira aprofundada, sobre o Semiárido cearense e seus sujeitos em formato de *cadernos especiais*. Pertencentes ao gênero da grande reportagem e à categoria da informação jornalística de viés contextualizado e interpretativo, os cadernos eram elaborados pelo núcleo investigativo de *O Povo* entre 1998 e 2020, de forma integrada com outros produtos, como matérias objetivas que alimentavam as edições diárias do periódico e documentários adaptados às plataformas audiovisuais e digitais do veículo.

Assim, decorrentes da condução etnográfica que se tornou referência nas produções de *O Povo* – sendo este o principal jornal do Ceará, fundado em 1928 e classificado como *empresa de comunicação regional* –, 35 cadernos especiais com assuntos diversos sobre o Semiárido local e envolvendo modos de vida de pessoas do campo foram editados e impressos a fim de confrontar estereótipos, constituir identificação com leitores – que, na época, concentravam-se em Fortaleza, capital cearense – e credibilizar o próprio jornal, atraindo patrocinadores às coberturas. Por consequência, um sofisticado esquema de produção – com roteirização, apuração *in loco*, seleção e processamento do apurado – foi organizado a fim de cumprir tais demandas, o que favoreceu *O Povo* atingir determinado grau de prestígio nos círculos da imprensa nacional, aferido, por exemplo, pelas premiações conquistadas, como os 16 prêmios ExxonMobil de Jornalismo – principal concurso da área no Brasil, interrompido em 2016 –, dentre outros méritos obtidos e que impactaram em sua carreira.

No entanto, diferentemente do que conseguira na capital, a sistemática de *O Povo* não logrou êxito no acesso à leitura dos sujeitos do campo a esse material e suas informações, gerando a ideia explorada na tese de que o periódico, ao *falar sobre* os sujeitos do campo, não estava necessariamente a *falar para* eles, mas notadamente ao público de Fortaleza – cidade litorânea, que se destaca entre as capitais do Nordeste em termos de potencial turístico e econômico e que possui infraestrutura superior à dos municípios de clima semiárido do Ceará, que correspondem a cerca de 95% do Estado (INSA, 2024). Com isso, embora trabalhasse com

regularidade, ética e densidade nas reportagens sobre o Semiárido e seus sujeitos, o veículo, inscrito no que Thompson (2011) chama de *assimetrias sociais de poder*, reverberava a prioridade historicamente dada aos centros urbanos – como Fortaleza – em detrimento dos rurais, mesmo que isso não fosse planejado pela equipe do periódico.

Tal fato permitia que o protagonismo designado aos sujeitos do campo nas edições dos cadernos especiais se revelasse, pelo menos em parte, como ilusório, porque a construção se subordinava à realidade institucional de O Povo que, condicionado à inscrição social, acabava sustentando certos laços de dominação, no sentido de produzir informações sobre um vasto e diferenciado universo de sujeitos que desconheciam que o jornal havia se especializado em investigar e comunicar sobre eles. Mesmo sutil, a dimensão ideológica dessa operação também se explica pela Teoria das Representações Sociais, que reforça a imprescindibilidade dos contextos nas *formações simbólicas* ou *de familiaridade*, como as tecidas aos cadernos especiais, uma vez que, segundo a teoria, tais formações acontecem ancoradas e objetivadas em – e por – condições sociais (Jodelet, 2005; Moscovici, 2015).

No caso dos cadernos – fruto e, ao mesmo tempo, espaço para formações de sentido, dado o caráter material e significante desses objetos –, o núcleo investigativo de O Povo informava sugerindo alteridades às pessoas do campo, isto é, colocando-as ora como vítimas de tragédias rurais, como a estiagem, ora como heróis resistentes aos desafios cotidianos pela força da cultura e pela adoção de práticas agrícolas adequadas à região. Embora seja possível perceber que essas representações convergem com realidades comuns no Semiárido – não à toa, os cadernos eram produções antropológicas –, o que se questiona aqui são as limitações de acesso na zona rural e o fato das informações se ligarem às discrepâncias sociais.

Por causa disso, a tese procurou compreender e interpretar a interação, pela leitura, de um grupo de pessoas rurais com uma amostra de cadernos especiais de O Povo que tratam de situações análogas às vivenciadas por elas, submetendo as informações e representações da editoria à experiência leitora provocada na pesquisa. Das descobertas, reservou-se a este artigo tratar das apreensões leitoras do grupo e de como essas emergiram atravessadas por ordenações sociais dos sujeitos, destacando as negociações de sentido. Para a empreitada, o artigo contempla a descrição dos participantes do grupo, as justificativas de seleção, as ordenações dos sujeitos e as apreensões decorrentes da leitura provocada, analisando as aproximações e os estranhamentos dos leitores frente ao conteúdo dos cadernos, tendo como norte as inscrições sociais desses sujeitos. Nas considerações finais, evidenciam-se o efeito

gregário da informação produzida para os cadernos e o conflito com a relativa autonomia dos leitores, em seus contextos e subjetividades, contribuindo com a noção de apropriação da informação vista como gesto de interferência e de negociação significativa.

## 2 OS SUJEITOS DO GRUPO LEITOR E SUAS INSCRIÇÕES CONTEXTUAIS

Em coerência com os temas, lugares e personagens trabalhados nos cadernos especiais sobre o Semiárido cearense, assim como na intenção de possibilitar uma provocação leitora que resultasse em dados relevantes à pesquisa, dez pessoas residentes no município de Independência, Ceará, e em distritos adjacentes foram selecionadas ao estudo qualitativo e exploratório empreendido na tese. Localizado na extensão semiárida do Estado (figura 1), com índices críticos de aridez, pluviosidade e vulnerabilidade (FUNCEME, 2024; IPECE, 2018; IPECE, 2021), o município e seu entorno eram destinos visitados pelo núcleo investigativo de O Povo nas apurações pelo sertão, integrando o raio da cobertura dos cadernos. Além disso, por ser um lugar de moradia de parentes do pesquisador, Independência propiciou o pragmatismo da pesquisa, que englobou a familiaridade prévia com o campo empírico, o tempo de permanência e os deslocamentos no município necessários ao estudo.

**Figura 1** – Mapa do Semiárido cearense, com a localização de Fortaleza e Independência.



Fonte: adaptado de INSA (2024).

Não menos importante, principalmente porque a tese se preocupou com o fenômeno das representações sociais, Independência também é cenário de atuação de duas instituições participantes dos processos de convivência e identificação de pessoas rurais com o Semiárido cearense, a saber: a Diocese de Crateús – representada em Independência pela Paróquia Senhora Sant’Anna – e a Escola Família Agrícola Dom Fragoso (EFA Dom Fragoso) – nascida da proposta social da diocese em parceria com sindicatos e movimentos de emancipação popular pelo campesinato. Com base na Teoria das Representações Sociais, a presença dessas instituições se mostra pertinente, pois suas ações podem ser interpretadas como construtos socialmente ordenadores a *influenciar*, efetiva e sistematicamente, no pensar e no agir dos indivíduos ligados a elas. De modo complementar, a diocese e a EFA Dom Fragoso atuam em prol da formação e do compartilhamento de uma consciência de vida atrelada à organização comunitária e às formas sustentáveis de fixação no campo, e os dez participantes do grupo leitor da pesquisa estão vinculados a pelo menos uma dessas instituições, recebendo delas a “espessura social” (Sá, 1998, p. 45) que os *auxiliam* de maneira irrestrita e sem rigoroso controle nas inscrições da alteridade camponesa em que se colocam<sup>1</sup>.

Logo, o ambiente empírico e o perfil dos sujeitos do grupo leitor, todos vinculados a uma dessas instituições, resultam de decisões propositais da pesquisa em atenção às especificidades temáticas dos cadernos de O Povo, bem como aos direcionamentos da Teoria das Representações Sociais, que dialogam com os demais fundamentos da tese, que são: o conceito hermenêutico de informação (Capurro, 2006); a concepção ordenadora e estrutural de cultura (Geertz, 2015; Thompson, 2011); e a compreensão de leitura como processo contextualmente significativa (Chartier, 1991; 2001; 2003). Ademais, devido à metodologia da pesquisa e sua estratégia provocativa requererem uma experiência que proporcionasse conhecer o contexto e os sujeitos selecionados, a EFA Dom Fragoso, que encarna o recorte da cultura pretendida ao estudo, serviu como ancoradouro pelo qual pôde-se realizar esse conhecer e recrutar os dez participantes do grupo leitor, cujas apreensões simbólicas foram

---

<sup>1</sup> A atuação institucional nos modos de vida dos sujeitos é aceita nos estudos de matriz sociológica, como a Teoria das Representações Sociais, com a diferença de que, enquanto a Sociologia clássica tende a anular o indivíduo perante as coletividades, Moscovici (2015), autor da teoria das representações, e seus pares defendem a relativa autonomia do sujeito nas formações simbólicas, que acontecem *condicionadas* e não determinadas ou exauridas pela sociabilidade expressa em forma de ordenação cultural. Relação semelhante é encontrada nas pesquisas sobre leitura, a exemplo de Chartier (1999; 2001) e de Dumont (2020), que reconhecem a força da subjetividade nas produções de sentido, estas, que se manifestam *influenciadas*, tanto quanto *influenciam*, socialmente.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

analisadas pelo método hermenêutico-dialético, a partir da imersão empírica, de cunho etnográfico, praticada nas dependências da escola<sup>2</sup>.

O perfil dos dez participantes do grupo está resumido no quadro 1, cujos nomes foram substituídos por fictícios em respeito ao anonimato da pesquisa. Desses, nove possuem vínculo com a EFA Dom Fragoso, sendo quatro diretos (dois educadores e dois educandos) e cinco indiretos (dois moradores de Santa Luzia, localidade rural assistida pela escola; dois que trabalham na Rádio Comunitária de Independência, parceira da escola; e um que é *leigo* na Paróquia Senhora Sant'Anna – está a serviço integral da Igreja sem ser sacerdote –, auxiliando na orientação cristã dos educandos). Apenas uma pessoa não possui vínculo com a EFA Dom Fragoso: Benigna, que ocupa o cargo de ministra da eucaristia na Paróquia Senhora Sant'Anna e costuma colaborar com as campanhas promovidas pela paróquia em favor da escola.

**Quadro 1 – Perfil dos dez integrantes do grupo leitor da pesquisa.**

<b>Participante</b>	<b>Descrição</b>
<b>Fátima</b>	38 anos, solteira, possui dois filhos, é educadora na EFA Dom Fragoso e mora na localidade São Jerônimo, zona rural de Independência/CE.
<b>Cícero</b>	32 anos, solteiro, não possui filhos, é educador na EFA Dom Fragoso e mora no assentamento Dom Fragoso, zona rural de Crateús/CE.
<b>Francisca</b>	38 anos, solteira, possui um filho, é educanda na EFA Dom Fragoso e mora na localidade Lagoa de São Miguel, zona rural de Quixeramobim/CE.
<b>Antônio</b>	27 anos, solteiro, não possui filho, é educando na EFA Dom Fragoso e mora na localidade Riacho do Meio, zona rural de Choró/CE.
<b>Lurdes</b>	83 anos, viúva, possui um filho e duas netas, é animadora cultural e mora na localidade Santa Luzia, zona rural de Independência/CE.
<b>Assis</b>	51 anos, solteiro, não possui filho, é delegado sindical e mora na localidade Santa Luzia, zona rural de Independência/CE.
<b>Rita</b>	57 anos, divorciada, possui dois filhos, é comunicadora na rádio comunitária e mora na sede de Independência/CE.
<b>Josias</b>	26 anos, solteiro, não possui filhos, é comunicador na rádio comunitária e mora na sede de Independência/CE.
<b>Benigna</b>	78 anos, viúva, possui oito filhos e vários netos, é ministra da eucaristia na paróquia e mora na sede de Independência/CE.
<b>Clemente</b>	51 anos, solteiro, não possui filho, é leigo da paróquia, orientador na EFA Dom Fragoso e mora na sede de Independência/CE.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

---

<sup>2</sup> A EFA Dom Fragoso está registrada na Secretaria de Educação do Ceará como escola de ensino médio técnico, contemplando turmas de primeiro a terceiro ano. Reúne um corpo docente formado por 11 educadores, e um corpo discente com 52 jovens e adultos pertencentes a comunidades rurais de 14 municípios cearenses, incluindo Independência, onde está sediada. Inaugurada em 2002, é conhecida popularmente como uma *escola de camponeses para camponeses*, promovendo a educação voltada às necessidades dos agricultores familiares. Seu terreno, de aproximadamente 130 hectares, possui estruturas de alojamento, em que educadores e educandos convivem 24 horas por dia, o que possibilitou que a imersão empírica acontecesse em suas dependências.

Quanto à inscrição contextual dos dez sujeitos, refletida na tese de acordo com o que responderam sobre o modo como a EFA Dom Fragoso e/ou a diocese afeta(m) o olhar e o dia a dia deles no campo, as respostas dialogam e se completam. Antônio, Cícero, Fátima e Francisca, imbuídos das ordenações mediadas por ambas as instituições, dispuseram-se a confrontar o imaginário que desabona o Semiárido onde vivem, defendendo o território como um local culturalmente rico e propenso à produtividade, desde que haja o compartilhamento de saberes ligados à subsistência adaptada à região – papel assumido pela EFA e pela diocese. Assis, Clemente, Josias, Lurdes e Rita, que comungam com a crença do Semiárido como lugar produtivo, acrescentaram tópicos como a consciência social e agroecológica, entendida por eles como parte dos valores indispensáveis à vida camponesa – algo também apregoado pelas instituições consideradas. Já Benigna ressaltou o aspecto moral que baliza o ideário camponês dos pesquisados. Para ela, a vida favorável no campo requer disciplina, isto é, o compromisso com o que julgam serem as *práticas corretas*, não apenas de lavoura, mas também de interação social e de relação com o sagrado, evidenciando o peso da tradição religiosa, principalmente a de vertente cristã, que impregna a cultura dos sujeitos do grupo.

Assim, de maneira breve, pode-se dizer que os aspectos da inscrição contextual que vieram à tona pelos depoentes se referem à imagem do Semiárido experienciado como um local que oportuniza a convivência com o outro e com o meio, sendo esse o espírito a estimular o enfrentamento às dificuldades cotidianas. Dialeticamente, tal realidade somente se dá por meio de um exercício de poder próprio das conjunturas sociais e seus arranjos de sentido, que regulam saberes e práticas, postulando e apartando as supostas ameaças e divergências de seu núcleo gregário ou ordenador. Como essa dimensão de alteridade se manifestou na leitura do grupo de maneira negociada é o tema da próxima seção, que começa pela caracterização da editoria dos cadernos especiais e pela identificação da amostra lida pelo grupo.

### **3 A INTERAÇÃO DOS SUJEITOS COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JORNAL**

Durante os 22 anos em que o núcleo investigativo de O Povo esteve responsável pela produção dos cadernos especiais, foram publicadas 35 edições de cadernos constituídas por diferentes miradas que a equipe sistematicamente lançou sobre o Semiárido cearense, afora um sem-número de matérias objetivas e demais coberturas que alimentaram desde pautas rotineiras de informação à necessidade do veículo de conquistar e manter a confiança de leitores e de investidores. Os cadernos eram objetos estratégicos a O Povo, valorizados como

“*artigos premium*” do jornal, conforme definiu, para a pesquisa, um dos repórteres que trabalhou na produção. Exemplos da *grande reportagem* – gênero jornalístico que, nos cadernos, assumiu perspectiva antropológica, estética imagética e narrativa textual quase literária –, esses materiais dependiam de longos prazos de planejamento e execução – uma exigência cara ao periódico, somada a outros custos que, no final, conseguiam ser em parte compensados pelos resultados, pois o núcleo contribuía com os vínculos socioeconômicos pretendidos pelo veículo e, em particular, com a mediação de discussões sobre lugares e pessoas do Semiárido, ainda que essas não tivessem pleno acesso às publicações.

Portanto, a editoria dos cadernos visava informar com profundidade, ofertando, dentro da lógica e das limitações de O Povo, uma visibilidade a cenários e atores sertanejos costumeiramente silenciados por outras mídias. Nesse propósito, as narrativas do núcleo compreendiam o uso de expressões do dia a dia e de referências artísticas e culturais colhidas do universo investigado, tendo-se a percepção de um sertão não inerte em preconceções, mas dinâmico em potencialidades exploráveis. Em geral, as representações articuladas se agrupavam em duas grandes classes: a do Semiárido visto como um território demarcado pela estiagem prolongada e por negligências do Estado; e a de espaço possível à convivência, dotado de diversidade humana e natural, semelhantemente ao que os participantes do grupo leitor o qualificaram. No que tange às representações sobre os sujeitos pertencentes ao Semiárido reportado, essas eram processadas de modo a colocá-los como heróis resignados, por vezes vítimas da seca e das políticas ineficientes, e, em outras ocasiões, como personagens comuns, capazes de se reinventarem por intermédio da fé e das técnicas agrícolas adaptadas.

Ou seja, existe proximidade entre a proposta do jornal e o perfil das pessoas rurais pesquisadas. Desse modo, a fim de operacionalizar a estratégia da leitura provocada ao grupo, foram escolhidos quatro dos 35 cadernos especiais que mantivessem relação com o cotidiano dos participantes e suas ordenações sociais, na intenção de estimular o interesse pelos materiais, assim como a contestação das informações e representações materializadas, que poderiam ser tensionadas pelos leitores a partir de suas experiências de vida. Procurou-se também diversificar a amostra dos cadernos, evitando maniqueísmos e induções de resposta, dando prioridade às edições mais recentes, na finalidade de diminuir o lapso entre as épocas de cobertura e de leitura. As capas dos cadernos selecionados podem ser visualizadas na figura 2, seguida pelo quadro 2, que resume o conteúdo de cada caderno da amostra.

Figura 2 – Capas dos cadernos especiais selecionados para a leitura do grupo.



Fonte: acervo da pesquisa.

Quadro 2 – Síntese do conteúdo dos cadernos selecionados.

Caderno	Síntese de conteúdo
<b>Documento BR (2006)</b>	Lançado em 17 dez. 2006, com 12 páginas, traz histórias de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de exploração sexual em pontos próximos a rodovias que cruzam o Ceará, revelando o envolvimento de policiais, caminhoneiros e comerciantes locais.
<b>Os quinze (2015)</b>	Lançado em 18 ago. 2015, com dez páginas, integra a série <i>Peleja da água</i> , publicada entre 2012 e 2018 para tratar da seca desse período no Ceará. É o primeiro de dois volumes que fazem menção ao centenário de <i>O quinze</i> , romance de Raquel de Queiroz, trazendo histórias de pequenos produtores que conseguiram subsistir na estiagem.
<b>A secca que matou os peixes (2016)</b>	Lançado em 30 ago. 2016, com 12 páginas, compõe a série <i>Peleja da água</i> . Trata dos efeitos da estiagem prolongada nos açudes cearenses, com relatos de pequenos pescadores e de médios empresários prejudicados pela situação.
<b>A premência pela água (2017)</b>	Lançado em 13 out. 2017, com oito páginas, pertence à série <i>Peleja da água</i> . Aborda os atrasos na construção do <i>Cinturão das Águas</i> – projeto do governo que visa interligar o canal da transposição do rio São Francisco às bacias cearenses –, cobrando do Estado a entrega da obra e informando sobre as descobertas obtidas no percurso da construção.

Fonte: elaborado pelos autores.

Sobre a leitura efetivada pelo grupo, observou-se que as ordenações que cooperam com as representações dos participantes sobre si, sobre o outro e sobre o local onde vivem, e que definem a alteridade em que se colocam, também incidiram nas apreensões leitoras. Isso reforça o vínculo social dos sujeitos, confirmando o que Chartier (1999; 2001) reflete sobre o comportamento gregário das práticas leitoras, em especial, sobre o que o autor nomeia como “comunidade de leitura” (Chartier, 2001, p. 32), estabelecida por horizontes comuns, não evidentes por si mesmos, mas designados, a afetarem as produções de sentido. Interpreta-se isso pelo modo como os leitores interagiram com a amostra dos cadernos, uma vez que, a despeito das leituras e das entrevistas terem sido administradas individualmente, a maioria concebeu vínculos de coerência entre os materiais, intervindo nas abordagens dos jornalistas e distendendo as influências do contexto estudado, como as instituídas pela EFA Dom Fragoso

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

e pela diocese, mesclando-as com outras originárias da região. Mesmo os participantes que realizaram leituras mais singulares, esses mobilizaram sentidos equivalentes aos da maioria, ressaltando perspectivas, julgamentos e demais simbolismos advindos do meio em que vivem.

Dito isso, seis integrantes (Antônio, Cícero, Clemente, Fátima, Francisca e Josias) estabeleceram relações explícitas entre os cadernos, enquanto quatro (Assis, Benigna, Lurdes e Rita) não explicitaram conexões simbólicas na amostra, realizando apreensões de maneira isolada e sem familiaridade com a linguagem e com a estética de um ou mais cadernos, manifestando visões de mundo misturadas à singularidade leitora. No todo da experiência, o caderno mais aceito pelo grupo foi *Os quinze* (2015), que dialoga com as práticas de convivência com o Semiárido prezadas pelos leitores, e os cadernos que mais incitaram críticas e juízos morais foram *Documento BR* (2006), pelo tema da sexualidade – um tabu que persiste no meio pesquisado –, e *A premência pela água* (2017), porque as obras ditas *faraônicas* do governo, criadas para o combate da seca, são frequentemente rejeitadas pelos agricultores familiares, que acusam o Estado de intervir na natureza e nas comunidades rurais para beneficiar poderosos, que agravam as desigualdades privatizando a distribuição da água.

O quadro 3 indica as apreensões leitoras dos dez participantes do grupo, relacionando as *ancoragens* – que aludem às ordenações sociais e suas influências nos sujeitos (Moscovici, 2015) – mobilizadas na tessitura simbólica à qual a leitura provocada tomou forma.

**Quadro 3 – Síntese das apreensões leitoras: enredamento de sentidos na amostra.**

<b>Leitores que explicitaram relações entre os cadernos da amostra</b>		
<b>Participante</b>	<b>Apreensão leitora</b>	<b>Ancoragem</b>
<b>Antônio</b>	Os cadernos se conectam com uma narrativa que pune aqueles que não seguem as práticas da convivência com o Semiárido e migram para a cidade, acabando como vítimas da fome e da exploração sexual. A seca prolongada é resultado da ação humana e não apenas do clima, e o Estado não se preocupa totalmente em sanar os problemas locais, devendo ser cobrado.	Ensinaamentos da EFA Dom Fragoso mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca e seu engajamento político, além de preconceitos que circulam na região, desabonando mulheres, principalmente.
<b>Cícero</b>	Os cadernos se conectam pela lógica da convivência com o Semiárido e pela abordagem social, prestando o serviço de pressionar o poder público. Mesmo os cadernos focados em reportar problemas (que para ele são de ordem estrutural), esses trouxeram ensinamentos que favorecem a consciência comunitária e ecológica no sertão. O Estado e suas obras possuem aspectos positivos e negativos, conforme seja a questão a ser considerada. No caso da transposição, tanto há a intervenção humana danosa, como há a possibilidade da democratização da água pelo poder público.	Ensinaamentos da EFA Dom Fragoso e da diocese mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

<b>Clemente</b>	Os cadernos se conectam, apontando para experiências significativas, mostrando a luta pela manutenção da cultura sertaneja, que possui a capacidade de se reinventar e de se fixar no Semiárido, apesar dos sofrimentos. A seca é fruto da ação humana egoísta, a exploração sexual resulta de escolhas erradas feitas pelas vítimas, e os grandes açudes do Estado são formas de perpetuar desigualdades sociais na região.	Ensinos da diocese mesclados com preconceitos que circulam na região, desabonando mulheres, principalmente.
<b>Fátima</b>	Os cadernos se conectam pela abordagem social, despertando inquietações, e o jornal estaria cumprindo o papel de agir em prol das pessoas do campo, pressionando o poder público. A seca e a exploração sexual são problemas estruturais, e o Estado agrava desigualdades por meio das obras faraônicas.	Ensinos da EFA Dom Fragoso e da diocese mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca e seu engajamento político.
<b>Francisca</b>	Os cadernos se conectam com histórias tristes, ligadas a sofrimentos que ela conhece. As vítimas da exploração sexual possuem uma parcela de culpa devido a escolhas erradas que teriam feito, como brigar com os pais, fugir de casa, ignorar princípios e consumir bens que excedem suas condições financeiras. O Estado trabalha em benefício das pessoas do campo, e os açudes e os canais de transposição são exemplos disso.	Ensinos da EFA Dom Fragoso mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca, além de preconceitos que circulam na região, desabonando mulheres, principalmente.
<b>Josias</b>	Os cadernos se conectam com um turbilhão de emoções vividas por ele, desde boas (quando aludem às práticas de convivência com o Semiárido) às ruins (quando falam de violência e de seca). Associou os personagens dos cadernos a parentes seus e elogiou os materiais lidos.	Experiências pessoais de convivência com a seca mescladas com traumas acontecidos na infância.
<b>Leitores que realizaram apreensões particularizadas nos cadernos da amostra</b>		
<b>Participante</b>	<b>Apreensão leitora</b>	<b>Ancoragem</b>
<b>Assis</b>	<i>Documento BR (2006)</i> mostra a destruição dos lares e dos valores da família. <i>Os quinze (2015)</i> conta histórias de superação da seca através da policultura e dos quintais produtivos, tal como ele pratica. <i>A seca que matou os peixes (2016)</i> narra episódios tristes e comuns da estiagem, como a perda da produção. <i>A premência pela água (2017)</i> traz a preocupação do Estado em resolver o problema da seca, com a crença de que o <i>Cinturão das Águas</i> já foi concluído e que tem ajudado os grandes e os pequenos produtores.	Ensinos da EFA Dom Fragoso e da diocese mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca, além de preconceitos que circulam na região, desabonando mulheres, principalmente.
<b>Benigna</b>	<i>Documento BR (2006)</i> mostra a perda do respeito da mulher pelo seu corpo, cedendo à perversão moral. <i>Os quinze (2015)</i> informa apenas casos de êxito no enfrentamento à seca, excluindo o sofrimento dos pobres, e o jornal teria sido pago pelo Estado para escrever sobre isso. <i>A seca que matou os peixes (2016)</i> revela a face ruim da política, em que os governantes fazem açudes para se promoverem, que acabam secando por má administração e mal uso da população. <i>A premência pela água (2017)</i> tanto traz evidências do lado ruim da política, como distorce a realidade, pois a transposição deveria beneficiar todo o Ceará e não apenas Fortaleza, como os jornalistas teriam informado.	Ensinos da diocese mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca, traumas e preconceitos que circulam na região, desabonando mulheres, principalmente.
<b>Lurdes</b>	<i>Documento BR (2006)</i> e <i>A premência pela água (2017)</i> foram cadernos difíceis de compreender: o primeiro lhe suscitou revolta contra as vítimas e contra o jornal, que, para ela, estaria colaborando com o problema ao não	Ensinos da EFA Dom Fragoso e da diocese mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca, além de

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

	apresentar soluções; o segundo, pela linguagem adotada pela editoria. Já <i>Os quinze</i> (2015) e <i>A seca que matou os peixes</i> (2016) lhe trouxeram sensações diferentes: o primeiro, satisfação por reconhecer práticas de convivência adotadas por ela; o segundo, memórias ruins da seca. A estiagem possui participação humana, e o Estado precisa auxiliar os mais humildes do campo.	preconceitos que circulam na região, desabonando mulheres, principalmente.
<b>Rita</b>	<i>Documento BR</i> (2006) mostra o descaso das autoridades com pessoas em situação de vulnerabilidade. <i>Os quinze</i> (2015) narra histórias de superação, apontando para uma imagem positiva que o sertão teria caso o Estado cumprisse com o seu dever e caso houvesse mais engajamento popular. <i>A seca que matou os peixes</i> (2016) traz consequências da má utilização dos recursos naturais, agravadas pelo sistema capitalista. <i>A premência pela água</i> (2017) possui leitura complicada, devido à linguagem técnica, e medeia a imagem autoritária do Estado, em seu interesse de se autopromover por meio da construção da obra.	Ensinamentos da EFA Dom Fragoso e da diocese mesclados com experiências pessoais de convivência com a seca e seu engajamento político.

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Conforme exposto no quadro, independentemente do modo como leram os materiais, conectando-os ou não, os participantes evidenciaram apreensões semelhantes entre si, realçando o impacto das ordenações sociais nas quais eles se inscrevem. Porém, é possível ver também diferenças de posicionamentos sobre um mesmo assunto, como as despertadas pelo tema da exploração sexual reportada em *Documento BR* (2006). Sobre isso, apesar da EFA Dom Fragoso e da Diocese de Crateús, formalmente, direcionarem o discurso em favor das pessoas oprimidas e/ou em situação de vulnerabilidade, postulando uma criticidade que, em tese, deveria reconhecer a complexidade do problema e enquadrar os reais responsáveis, a temática evocou outras ancoragens nos sujeitos, fazendo-os reproduzir preconceitos difundidos nos locais onde vivem. Sobre isso, é emblemática a declaração de Francisca que, vítima de preconceitos de gênero, reforçou a mentalidade opressora. Por suas palavras:

*O motivo [da exploração sexual], a gente acha que é por causa que não tem uma boa convivência com a família, que quer sair de casa muito cedo [...]. Então, pessoas que sai de casa sem nenhuma perspectiva de vida [...] e acha que, indo para a cidade, vai ter uma vida melhor. Mas aí, quando chega lá, a perspectiva é outra, [...] vai sair para a prostituição, porque acha que é um dinheiro que vai vir... Não é fácil.*

Desse modo, a fala de Francisca converge com as de Antônio, Assis, Benigna, Clemente e Lurdes ao objetivar pessoas que sofreram violência sexual, mostrando a força da dimensão moral e dos estigmas em interação com os ensinamentos religiosos. Outro ponto que chama atenção é o que a falta de familiaridade com a linguagem de um ou mais cadernos possibilitou

para Assis, Benigna, Lurdes e Rita. Em certa medida, o estranhamento foi resolvido por eles ao mobilizarem memórias, traumas e outras experiências que serviram de ancoragem à constituição dos sentidos. É o caso de Benigna, única leitora a ter interpretação divergente sobre *Os quinze* (2015), colocando-o como um texto que distorceu a realidade sertaneja ao comunicar apenas sobre êxitos de convivência com a seca. Realmente, o caderno se diferencia na amostra pela imagem positiva que medeia sobre o sertão – algo análogo às representações sugeridas pela EFA e pela diocese e que ressoaram no discurso dos demais leitores.

Ainda sobre Benigna, os episódios de sofrimento vividos por ela na seca podem ter gerado impactos em sua compreensão de mundo a ponto de superar, pelo menos no ato da leitura, as ordenações da diocese e as prescrições editoriais do caderno. O trecho de seu relato ilustra esse sofrimento vivido, que serviu de ancoragem na interação com *Os quinze* (2015):

*Eu era uma adolescente [...], eu morava no Parambu [município cearense]. [...] O governo dava aquela bolsa para os trabalhadores, e eles iam, em troca, fazer estrada. [...] O alimento era pouco, o dia de serviço equivalia a uma rapadura e um quilo de farinha. Então isso veio à tona [na leitura]. [...] Apesar de que o caderno não fala dessa experiência do pobre, do agricultor, do trabalhador do campo [...]. Porque ele [o pobre] foi trabalhar na estrada, porque não tinha chuva. [...] E aqui [no caderno] não fala disso. Aqui fala de como a pessoa sobrevive na estiagem de outra maneira [...]. Mas não falou do sofrimento do pobre, que foi terrível.*

Com isso, Benigna impôs ao texto a sua subjetividade leitora. Essa intervenção sobre o contexto e sobre o conteúdo dos cadernos esteve presente em todas as leituras do grupo, de modo mais claro nas realizadas pelos quatro participantes que não explicitaram coesão entre os cadernos, compreendendo-os individualmente e evidenciando a negociação simbólica pela efetividade da leitura. Interferências e negociações que conduziram a *leituras improváveis* ou *não autorizadas*, ou seja, àquelas que fogem do horizonte de expectativas traçado social e editorialmente pelos produtores dos cadernos, ao planejarem *leituras implícitas* (Chartier, 1996), e pelas instituições e suas políticas de controle. Portanto, as particularidades interpretativas não anulam nem desabonam as experiências do grupo, mas fornecem dados relevantes à pesquisa sobre os conceitos de leitura e de apropriação articulados por pessoas comuns que, ancorando sentidos de múltiplas formas, desarticulam encaminhamentos simbólicos e apreendem novas informações e representações sociais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorte de uma pesquisa de tese, este artigo procurou refletir sobre as apreensões leitoras do grupo pesquisado e de como essas emergiram atravessadas pelas ordenações sociais de seus integrantes, destacando as intervenções e negociações de sentido manifestas nas leituras. Dados referentes à metodologia do estudo foram acrescentados no texto, na intenção de justificar escolhas e auxiliar o processo de identificação das inscrições sociais das pessoas rurais, destacando o papel gregário promovido, em especial, pela EFA Dom Frágoso e pela Diocese de Crateús no meio rural investigado. Nas análises, percebeu-se uma densidade de leituras atreladas a ancoragens diversas, em que algumas se referem aos ensinamentos das referidas instituições, mas outras evocam memórias e demais subjetividades, às vezes de natureza traumática, não excluindo preconceitos, como os de gênero, comuns nesse contexto e que sinalizam para inscrições mais profundas dos sujeitos no tecido cultural da região.

A imagem do Semiárido sugerida e, a princípio, introjetada pelo grupo se refere a um ambiente que oportuniza a convivência com o outro e com o meio, engajando os sujeitos na adoção de práticas que sustentam a fixação consciente e produtiva deles no campo. Essa é a conduta que colabora com o espírito comunitário dos entrevistados e com a alteridade que delimita seus saberes e práticas. Nas leituras, porém, tais convicções foram postas em xeque pelos sujeitos que formaram sentidos dissonantes das ordenações previamente colocadas. Assim, aconteceram *leituras improváveis* ou *não autorizadas*, que subverteram o conteúdo dos cadernos e as influências recebidas de ambas as instituições, culminando na apreensão de informações novas e na atualização das representações sociais dos sujeitos.

Além disso, as leituras que explicitaram enredamentos entre os cadernos – e que dialogaram com mais proximidade com os prescritos da editoria – não estão ausentes de se comportarem como intervenções e negociações de sentido, porque também foram maneiras como o universo dos pesquisados incidu sobre o dos textos, reforçando o protagonismo leitor nessas interações significantes. Esse movimento de leitura que mescla ordenações sociais com imprevistos da subjetividade acena à noção de apropriação da informação, entendida como gesto de relativa autonomia dos sujeitos nas operações simbólicas que, pela Teoria das Representações Sociais, expressam-se como constituição de familiaridades.

## REFERÊNCIAS

- A PREMÊNIA pela água. **O Povo**, Fortaleza, 13 out. 2017. Caderno especial. 8 p.
- A SECA que matou os peixes. **O Povo**, Fortaleza, 30 ago. 2016. Caderno especial. 12 p.
- CAPURRO, R. Pasado, presente y futuro de la noción de información. **Logeion**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 110-136, 2014. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2014v1n1.p110-136>.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CHARTIER, R. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- CHARTIER, R. Do livro à leitura. *In*: CHARTIER, R. (org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-105.
- CHARTIER, R. **Formas e sentido cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2003.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://bit.ly/3AB6fBx>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- DOCUMENTO BR: histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais. **O Povo**, Fortaleza, 17 dez. 2006. Caderno especial. 12 p.
- DUMONT, L. M. M. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. *In*: DUMONT, L. M. M. (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas**. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. p. 21-52.
- FUNDAÇÃO CEARENSE DE METEOROLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS. **Índices de aridez do Estado do Ceará**. 2024. Disponível em: <https://bit.ly/4azZlRh>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Índice Municipal de Alerta (IMA) 2021: um instrumento para orientações preventivas sobre as adversidades climáticas – Estado do Ceará**. Fortaleza: IPECE, 2021.
- INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil municipal 2017: Independência**. Fortaleza: IPECE, 2018.
- INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO. **Delimitação Semiárido Cearense (2024)**. Campina Grande: INSA, 2024. 1 mapa. Escala 1:5.000.000. Disponível em: <https://bit.ly/3MHCN3j>. Acesso em: 30 mar. 2024.
- JODELET, D. Formes et figures de l'altérité. *In*: SANCHEZ-MAZAS, M.; LICATA, L. **L'Autre: regards psychosociaux**. Grenoble: Les Presses de l'Université de Grenoble, 2005. p. 23-47.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes: 2015.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

OS QUINZES: capítulo 1. **O Povo**, Fortaleza, 18 ago. 2015. Caderno especial. 10 p.

SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.